



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO DE
APRENDIZAGEM**

PATRÍCIA DE OLIVEIRA FIGUEIRÊDO

**CATOLÉ DO ROCHA, PB
NOVEMBRO DE 2017**

PATRÍCIA DE OLIVEIRA FIGUEIRÊDO

**A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO DE
APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

**Orientadora: Prof^a Joana Áurea Cordeiro
Barbosa**

**Catolé do Rocha
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F475i Figueiredo, Patricia de Oliveira.
A importância da relação professor-aluno no processo de aprendizagem [manuscrito] : / Patricia de Oliveira Figueiredo. - 2017.
29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Joana Áurea Cordeiro Barbosa, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."

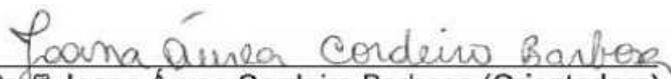
1. Relação professor-aluno. 2. Aprendizagem. 3. Comportamento. 4. Ensino.

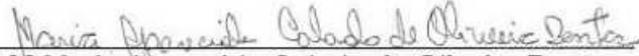
21. ed. CDD 371.102

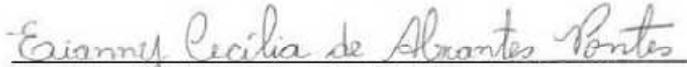
PATRÍCIA DE OLIVEIRA FIGUEIRÊDO

**A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO DE
APRENDIZAGEM**

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Joana Áurea Cordeiro Barbosa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Maria Aparecida Calado de Oliveira Dantas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Eianny Cecília de Abrantes Pontes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aprovada em 23 de 11 de 2017

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, por desde o início deste curso até o final ter me ajudado, me dando força e sabedoria para enfrentar as dificuldades e vencê-las.

Aos meus pais, por apesar das dificuldades, não terem medido esforço e dedicação para que fosse possível eu cursar Letras.

Ao meu marido, por ter me auxiliado em todos os momentos que precisei durante essa jornada.

A minha orientadora Joana Áurea, por todo empenho e dedicação nesse projeto de Trabalho de Conclusão de Curso junto a mim.

A todo o corpo docente da Universidade Estadual da Paraíba – campus IV, por ter me proporcionado um ensino de qualidade.

Aos meus colegas, por todo apoio diante das dificuldades e por terem me proporcionado aprender muitas coisas relevantes para a minha construção cidadã.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 O QUE É RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO?	6
3 OS FATORES DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO QUE INTERFEREM NA APRENDIZAGEM	9
3.1 Fatores que refletem de maneira negativa na aprendizagem	9
3.1.1 Autoritarismo	9
3.1.2 Negação de que o aluno é sujeito da educação	10
3.1.3 Expectativas negativas a respeito do desenvolvimento cognitivo do aluno	11
3.1.4 Crença na homogeneidade do alunado	11
3.2 Fatores que refletem de maneira positiva na aprendizagem	12
3.2.1 Consideração da carga de conhecimento trazida pelos alunos.	12
3.2.2 <i>Feedback</i>	13
3.2.3 Clima de sala de aula	14
3.2.4 Estabelecimento de objetivos	15
3.2.5 Motivação	15
4 METODOLOGIA	16
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	18
5.1 Conceito sobre relação professor-aluno.....	18
5.2 O bom professor	20
5.3 O relacionamento do bom professor com seus alunos.....	22
5.4 Os benefícios de uma boa relação professor-aluno.....	23
5.5 Qual tipo de relação faz com que os alunos aprendam mais?.....	24
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	26
ANEXOS	

A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

RESUMO: Diante da atual realidade de déficit de aprendizagem, nos propomos a realizar essa pesquisa no intuito de averiguar como a melhoria da relação professor-aluno pode contribuir para que a aprendizagem ocorra. Desse modo elencamos o seguinte objetivo geral: Analisar os fatores da relação professor-aluno que influenciam na aprendizagem. Para isso, elencamos dois objetivos específicos que são: 1- Conceituar relação professor-aluno; e 2- Perceber os fatores da relação professor-aluno que interferem na aprendizagem do aluno. O trabalho está fundamentado em teóricos como Cunha (2007), Lopes e Silva (2011), Morales (2003), Bordenave e Pereira (2002), Solé (2006), entre outros. A pesquisa é de campo, descritiva e qualitativa. O resultado da pesquisa apontou para a influência que a relação professor-aluno exerce sobre a aprendizagem e para a importância de algumas mudanças no comportamento do professor a fim de aperfeiçoar essa relação e conseqüentemente obter aprendizagem do alunado.

Palavras-Chave: Relação professor-aluno, Aprendizagem, Comportamento, Ensino.

1 INTRODUÇÃO

É perceptível o quanto os alunos, em especial, no nosso caso, os de língua portuguesa, apresentam dificuldades de aprendizagem. É importante frisar que quando nos referimos a alunos que tem dificuldades de aprendizagem não estamos falando de educandos com problemas especiais de aprendizagem, mas sim dos ditos “normais”.

Muitos são os motivos apontados como causa dessa não aprendizagem: incapacidade do aluno, desinteresse, indisciplina, entre outros. No entanto, estudos têm apontado a relação professor-aluno como fator importante na aprendizagem (ou não aprendizagem) dos educandos. Lopes e Silva (2011, p. 64) citando Hattie (2009) afirmam que “Mais de 200 estudos confirmam que as relações professor-aluno têm uma elevada influência no desempenho escolar dos alunos.” Lopes e Silva (2011, p, 63) afirmam também que os próprios professores reconhecem a importância dessa relação para a aprendizagem de qualidade de seus alunos, porém quando as expectativas de rendimento escolar dos discentes não são alcançadas tendem a responsabilizar os alunos.

Diante do fato apontado pela investigação científica de que a relação professor-aluno pode interferir de forma positiva ou negativa na aprendizagem do

discente, percebemos a necessidade de realizar essa pesquisa no intuito de investigar quais as características do professor que estabelece uma boa relação com seus alunos, mediando, dessa forma, a verdadeira aprendizagem. Para tanto consideramos a seguinte pergunta de pesquisa: Que fatores contribuem para efetivação da relação professor-aluno em sala de aula?

O nosso papel no trabalho que propomos é o de analisar os fatores da relação professor-aluno que resultam de forma negativa na aprendizagem dos educandos e conseqüentemente os fatores dessa relação que contribuem de forma positiva nessa aprendizagem. Para que esse objetivo seja cumprido, elencamos dois objetivos específicos: o primeiro é conceituar relação professor-aluno e o segundo é perceber os fatores da relação professor-aluno que interferem na aprendizagem do aluno.

No que se refere a relevância dessa pesquisa, ela é importante para o meio social e didático no sentido de averiguar os equívocos que têm ocorrido na relação professor-aluno, os quais têm prejudicado a aprendizagem, e é relevante também no sentido de apontar caminhos para otimizar essa relação e conseqüentemente alcançar resultados satisfatórios em sala de aula.

Este trabalho está dividido em quatro partes. Na primeira, apresentamos uma aproximada definição para relação professor-aluno; na parte seguinte, é discorrido sobre alguns fatores negativos e outros positivos da relação professor-aluno que influenciam no rendimento escolar dos alunos; a terceira parte é a metodologia, onde são esclarecidos os procedimentos através dos quais foi feita a pesquisa do trabalho em questão. E a última parte é a apresentação e análise de dados da pesquisa.

A partir de tudo que foi mencionado nesta breve introdução, acredita-se nessa influência da relação professor-aluno na aprendizagem. Acredita-se também na prática de aperfeiçoamento dessa relação como estratégia para melhoria da apreensão de conhecimento.

2 O QUE É RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO?

Antes de iniciar qualquer discussão, é importante especificar do que estamos falando quando nos referimos à relação professor-aluno. É sim a afetividade entre professores e alunos, no entanto não é só isso. Cunha (2007, p.150) afirma que “As

virtudes e os valores do professor que consegue estabelecer laços afetivos com seus alunos repetem-se e intrincam-se na forma como ele trata o conteúdo e nas habilidades de ensinamentos que desenvolve.” Ou seja, a relação professor-aluno tem dois lados: um afetivo e outro didático. Sendo assim, é preciso investir na melhoria desses dois aspectos da relação para assim obter aprendizagem satisfatória nas aulas de português.

A esse respeito é importante ser lembrado pelos professores que suas atitudes, tanto didáticas como pessoais, têm uma influência muito além de momentânea e conteudista na vida dos discentes. Pois os alunos observam tudo o que o professor faz, e não apenas suas aulas. Todas as ações do docente vão influenciar no que o aluno aprende, e isso pode gerar consequências/resultados (positivos ou negativos, dependendo do caso) por toda a vida do indivíduo aprendente. Vejamos o que Morales (2003, p. 24) afirma a esse respeito:

O professor pode ensinar mais *com o que é* do que com aquilo que pretende ensinar; seu modo de fazer as coisas implica *mensagens implícitas* de efeitos que podem ser positivos ou negativos; se aceitam ou recusam suas atitudes e seus valores, reforça-se o interesse ou desinteresse pelo aprendizado.

O docente deve estar atento para esse fato apontado por Morales, pois é preciso lembrar que os alunos não observam apenas o comportamento pedagógico do professor, mas também seu comportamento como pessoa, a maneira como fala, como trata os outros, como reage diante dos problemas que ocorrem em sala de aula, etc.. Esses comportamentos pessoais também irão influenciar naquilo que os alunos aprendem e como aprendem. O educador pode ficar na memória dos alunos como um bom exemplo ou como um péssimo professor.

Sendo assim, o docente tem de saber que ele precisa investir de forma planejada e cautelosa em duas áreas da profissão que exerce: na área didática e na área ‘humana’ ou afetiva. Tem de estar consciente também que suas atitudes influenciarão os estudantes em dois aspectos: conhecimento de conteúdos e comportamentos emocionais e sociais. Desse modo, é notória a responsabilidade que professores e alunos tem em sala de aula: não é simplesmente passar algum tempo explicando e aprendendo um determinado conteúdo e depois ser avaliado apenas no sentido de aprovar e reprovar. A sala de aula envolve sujeitos humanos,

onde são consciente ou inconscientemente estabelecidas relações que influenciam diretamente tanto o professor como os alunos, e dependendo de como essa relação é estabelecida os resultados podem ser positivos ou negativos.

Na relação professor-aluno não é apenas o docente que influencia os alunos, estes também influenciam os educadores, como nos confirma Morales (2003, p. 59).

Não é só o professor que influencia os alunos, mas estes, por sua vez, influem no professor, criando-se um círculo que não deveria ser *vicioso*, mas potencializador de uma boa relação e de um bom aprendizado.

Essa influência que ocorre reciprocamente na relação entre educadores e educandos deve ser aproveitada de maneira positiva, para que o comportamento dos alunos influa de maneira construtiva na prática do professor e o comportamento do docente influa de forma relevante na aprendizagem dos discentes. Para que isso ocorra, é necessário que ambas as partes estejam interessadas em construir uma relação saudável e significativa, em que a real aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo sejam os objetivos primordiais do processo educativo.

Porém é possível que algumas vezes essa reciprocidade positiva não aconteça. Talvez o desestímulo dos alunos provoque o desestímulo do professor. No entanto, mesmo diante do desinteresse de alguns alunos, é interessante que o professor tente estabelecer uma relação favorável para que seja possível alcançar a almejada aprendizagem.

Diante de tudo isso, ainda longe de abarcar toda a complexidade da relação professor-aluno, pode-se afirmar que, aproximadamente, a relação professor-aluno é a interação que acontece entre professor, aluno e conhecimento, e que a maneira como essa relação é conduzida poderá determinar, em certa medida, o nível de aprendizagem dos educandos. A respeito dessa definição, Cunha (2007, p. 157) afirma que “É muito difícil definir os limites do conceito ‘relação professor-aluno’. Eles se intrincam na prática do processo pedagógico com o conteúdo de ensino e com a metodologia adotada.”

3 FATORES DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO QUE INTERFEREM NA APRENDIZAGEM

Acredita-se que existem fatores da relação professor-aluno que influenciam de forma negativa na aprendizagem, como também há fatores dessa relação que influenciam de forma positiva. Discorreremos a seguir sobre alguns deles, tanto sobre os negativos quanto sobre os positivos.

3.1 Fatores que refletem de maneira negativa na aprendizagem

O dilema principal do professor para construir uma boa relação com seus alunos é não saber qual caminho tomar para que isso seja possível. Muitas vezes, o professor se apropria de alguns pensamentos e/ou atitudes, acreditando que aquele é um bom meio de exercer a sua função como profissional da educação, porém essas atitudes, ao invés de resultar de maneira satisfatória, apenas dificulta a aprendizagem dos educandos. Vejamos a seguir algumas dessas atitudes.

3.1.1 Autoritarismo

O autoritarismo é uma atitude tomada por alguns professores para cumprirem seu papel de profissionais da educação. Porém, essa atitude pode prejudicar muito o desenvolvimento cognitivo dos discentes. O autoritarismo acontece quando a voz do professor prevalece em todas as situações da aula, quando o aluno é considerado como o indivíduo que tem que permanecer sempre na posição de passividade, aceitando tudo o que o docente impor (Freire, 2005).

. A esse respeito Morales (2003, p 56) afirma que “Não se pode aprender seriamente num clima de insegurança, tensão, medo e desconfiança. Talvez se possa ser aprovado na matéria, mas não aprender”. De acordo com o pensamento de Morales, é preciso que o aluno se sinta seguro para tirar suas dúvidas, expor suas dificuldades para que ele possa aprender, mas quando a relação que se estabelece em sala é de autoritarismo, então é possível que o aluno não tenha essa segurança e isso acaba prejudicando seu rendimento escolar. Isso nos leva a refletir sobre a importância do professor deixar de usar de autoritarismo e utilizar-se de autoridade, para que tenha o controle da sala, mas de modo que deixe os alunos

livres para expressar suas opiniões, dúvidas e dificuldades de aprendizagem. Poderíamos considerar aqui como autoridade o exercício da liderança e do controle da sala de aula. Já autoritarismo o consideraremos como o abuso dessa autoridade, ou seja, a pessoa autoritária alcança seus objetivos por meio da força.

3.1.2 Negação de que o aluno é sujeito da educação

Essa atitude de negar o papel de sujeito que o aluno tem na educação é muito comum no comportamento de professores autoritários, mas pode acontecer também com outros tipos de professores. Quando esse papel é negado, o aluno é visto apenas como aquele que vai receber as informações e aceitá-las sem questionamentos. Tem que permanecer no papel passivo, apenas escutando e concordando com o professor. Confirmando isso, Freire (2005, p. 66) esclarece que

A narração de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem enchidos pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos” tanto melhor educador será. Quando mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão.

Desse modo, provavelmente, o desenvolvimento crítico/reflexivo do discente não encontrará espaço para ser desenvolvido, já que todos os posicionamentos do professor são tidos como verdade absoluta e os do educando como algo que não merece muita consideração. Contrariamente a essa atitude Freire (1996, p. 26) aponta que “nas condições da verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo.”

Quando a verdadeira aprendizagem é o objetivo das aulas, então a colaboração que pode partir do aluno é percebida e daí pode surgir uma boa oportunidade de se construir um bom conhecimento, pois a partir do momento que o aluno entende que a sua opinião, as suas dúvidas, o seu modo de ver a aula, são importantes para o andamento da aula, é provável que haja um interesse maior pelo tema da aula em questão (Solé, 2006).

3.1.3 Expectativas negativas a respeito do desenvolvimento cognitivo do aluno

As expectativas que o professor tem a respeito dos alunos podem refletir de forma direta na aprendizagem dos alunos, não pelas expectativas em si, mas pelo comportamento pedagógico do professor que elas acarretam. Morales (2003, p.96) confirma que “Nossas expectativas não são a causa do êxito nem do fracasso de nossos alunos. Mas devemos nos conscientizar de que *as condutas associadas a nossas expectativas podem contribuir para o êxito de uns e o fracasso de outros.*”

Quando o docente tem altas expectativas a respeito de determinados alunos, então, consciente ou inconscientemente, ele tende a tratar aqueles alunos de uma forma diferenciada, dando mais atenção as suas opiniões, oferecendo mais ajuda no seu aprendizado, o que pode aumentar a motivação daquele discente e haver por parte dele um esforço maior para que a aprendizagem aconteça. E isso não é ruim. O problema é que isso acontece na direção oposta também. Ou seja, se o professor tem uma expectativa negativa a respeito de alguns alunos, então ele não irá considerar suas opiniões, não irá oferecer a mesma ajuda que oferece aquele de quem ele espera um resultado satisfatório, porque acredita que o esforço não vai valer a pena (Morales, 2003).

O aconselhável então é que o professor alimente boas expectativas a respeito de todos os educandos e ofereça ajuda a todos eles, para que todos tenham as mesmas oportunidades de aprendizagem. Do contrário estaremos pondo os discentes em desigualdade, predeterminando quem deve aprender e quem não deve, mesmo que se faça isso sem perceber.

3.1.4 Crença na homogeneidade do alunado

Um dos grandes equívocos de alguns docentes é acreditar que todos os seus alunos são iguais, que todos apresentam as mesmas dificuldades e que uma única metodologia irá funcionar para todos os discentes. Bordenave e Pereira (2002, p. 59) declaram que “Talvez pelo desejo subconsciente de simplificar seu trabalho docente, o professor tende, em geral, a considerar ‘o corpo discente’ como uma massa homogênea e indiferenciada.”

No entanto, em que sentido esse pensamento se torna prejudicial ao rendimento escolar dos educandos? Ora, a partir do momento que o docente

acredita que todos os seus alunos são iguais, ele provavelmente se apropriará de uma única forma de ensino para todos os discentes. Por serem diferentes entre si, cada aluno apresentará uma receptividade diferente àquele método, os níveis de aprendizagem serão distintos e conseqüentemente alguns ficarão em desvantagem em relação aos outros. Sobre isso McKeachie (1974), citado por Bordenave e Pereira (2002, p. 59), esclarece que “o ensino se torna mais eficaz quando o professor conhece a natureza das diferenças entre os alunos.”

3.2 Fatores que refletem de maneira positiva na aprendizagem

3.2.1 Consideração da carga de conhecimento trazida pelos alunos

Considerar o conhecimento que o aluno já tem pode ser uma estratégia muito relevante para o professor que almeja a aprendizagem de seus discentes. Quando o docente desconsidera essa carga cognitiva do aluno, ele pode está perdendo uma ótima oportunidade de promover um verdadeiro conhecimento e ainda desobedecendo a uma lei da educação. O parágrafo 2º do art. 1º da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, p.9) afirma o seguinte: “A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.” Aqui podemos observar que a educação contextualizada, em que o lado social seja levado em conta é um direito dos discentes, garantido por lei, e um dever da escola, dos professores e de todos os sistemas de ensino.

Em contrapartida, Saint-Onge (1999, p. 45) afirma o seguinte: “O maior desafio da pedagogia contemporânea é possivelmente o de renovar os laços entre a experiência e o saber.”. Por um lado, a lei afirma que a prática social precisa ser levada em conta na educação, mas, por outro lado, é necessário reconhecer que esse não é um processo fácil.

É indispensável, para que esse objetivo seja alcançado, que se faça uma transformação nos sistemas e metodologias de ensino, pois a educação tal qual a conhecemos hoje, apesar de já ter se libertado muito da arbitrariedade, ainda não abrange totalmente de forma eficaz e suficiente a questão social devido ao fato, principalmente, de o professor saber que é preciso mudar, mas não saber como. Muitas teorias dizem que é preciso viver um novo tempo no processo de ensino-

aprendizagem, mas poucas apontam um caminho, uma solução para que essa mudança aconteça de fato. Tavares e Alarcão (2005, p. 86) enfatizam que:

Nada se aprende verdadeiramente se o que pretende aprender-se não passa através da experiência pessoal de quem aprende, numa procura de equilíbrio entre o adquirido e o que falta adquirir através de mecanismos de assimilação e acomodação.

A isso, Saint-Onge (1999, p. 41), parafraseando Ausubel, acrescenta: “O que importa é que as aprendizagens novas sejam vinculadas aos elementos da estrutura cognitiva existente do aluno, a fim de que ele possa apreender sua significação.”. A partir dessas duas afirmativas, é possível perceber que o debate acerca da importância de se levar em conta os fatores sociais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem não é apenas mais uma moda sem sentido. Esse debate parte do fato de que o ser humano, para que tenha uma aprendizagem significativa e razoavelmente permanente, precisa ligar a informação nova a algo que ele já tenha em sua estrutura cognitiva para que assim esse novo conhecimento faça sentido para ele e não caia no esquecimento. Esse fato aponta para a necessidade de oferecer aos discentes uma educação contextualizada, em que eles possam interligar o que estão estudando aos outros conteúdos que já estudaram e a fatos de suas vidas cotidianas, para que assim aquela nova aprendizagem faça sentido para eles e apreendam a nova informação.

3.2.2 Feedback

O *feedback*, quando utilizado da maneira apropriada, tem sido apontado como um fator importante da relação professo-aluno para o rendimento escolar dos discentes. O maior empecilho, porém, para que essa estratégia seja utilizada é que alguns professores não têm uma compreensão muito clara do que seja *feedback* e de como utilizá-lo de forma eficaz. Lopes e Silva (2011, p. 47) definem: “O *feedback* é uma informação por um agente (por exemplo, professor, colegas, livro, pais, ou a própria experiência) sobre aspectos do desempenho ou da compreensão.”

O *feedback*, no contexto de sala de aula, dirigido do professor para o aluno, pode ser usado para repreender o educando por algum comportamento inadequado dele, como também para elogiá-lo por comportamentos satisfatórios. O resultado positivo ou negativo irá depender de como esses tipos de *feedback* serão utilizados. É interessante que os dois sejam utilizados, mas é preciso ser cauteloso para não

utilizá-los de forma inadequada, pois quando isso acontece o resultado pode ser o contrário do que se espera, ou seja, pode-se obter uma aprendizagem insatisfatória (Lopes e Silva, 2011).

Citando como exemplo, no *feedback* de repreensão é mais adequado que o professor mostre para o aluno como ele deseja que seja o seu comportamento, ao invés de apontar o que ele tem feito de errado. Já no *feedback* por comportamentos positivos, não é aconselhável que o docente faça comparação entre os alunos, mas que direcione o elogio ao aluno, deixando bem claro para ele qual é o motivo de estar sendo elogiado.

Cabe ao professor fazer do *feedback* uma ferramenta de construção do conhecimento, procurando a melhor maneira de utilizá-lo, de modo que sirva para seu intuito de promover a aprendizagem em sala de aula. Lopes e Silva (2011, p. 61) acrescenta que “O *feedback* eficaz é um valioso componente do processo de aprendizagem. Quando é combinado com ensino eficaz nas salas de aula, pode ser muito poderoso no reforço da aprendizagem.”

3.2.3 Clima de sala de aula

Muitos dos fatores aqui citados contribuem para o estabelecimento de um bom clima de sala de aula, como por exemplo, a consideração da carga cognitiva do aluno, a motivação, entre outros. Em um clima favorável na sala de aula, em que o professor está disposto a ajudar os alunos em suas dificuldades, reconhece sua importância no processo educacional, alimenta boas expectativas a respeito de sua aprendizagem e os motiva a persistir tentando aprender (mesmo que vez ou outra haja erros), é possível que o discente se sinta mais seguro para arriscar um comentário, expor uma dúvida, afirmar que não aprendeu o conteúdo, requerer a repetição da explicação, etc. Quanto à importância do estabelecimento do clima favorável em sala de aula, Morales (2003, p. 56) citando Deiro (1995) diz que “é preciso saber criar um ambiente ou uma atmosfera de *segurança, de paz*, de maneira que os alunos possam sentir que *aqui se deve trabalhar, mas o ambiente é bom.*”

3.2.4 Estabelecimento de objetivos

Outro ponto que é muito relevante no processo educacional é o estabelecimento de objetivos. Não é aconselhável que o docente exerça sua prática pedagógica sem possuir um objetivo (ou objetivos) de ensino, pois é provável que a falta dele (s) dificulte essa prática, como também a aprendizagem do alunado, já que não existe uma meta a ser alcançada. Se não existe uma meta educacional a ser alcançada, como pode haver um resultado satisfatório na aprendizagem? Não encontramos aquilo que não buscamos e não buscamos aquilo em que não vemos sentido. Estabelecer objetivos de ensino é obrigação do educador, como podemos observar no PCN (1998, p. 22): “Ao professor cabe planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva.”

Não é apenas o professor que precisa ter um objetivo a ser alcançado no processo de ensino-aprendizagem. Para o aluno, ele (o objetivo) também é importante, devido ao fato de, como acontece com o ensino do docente, se o aluno não tiver um objetivo, ele não vai se engajar de forma satisfatória nas aulas. Uma das vantagens de se estabelecer objetivos de ensino-aprendizagem que Lopes e Silva (2011, p. 222) apontam é a seguinte: “Ajudam o professor e o aluno a consciencializar os resultados que se desejam com a intervenção educativa, permitindo-lhes orientar os esforços de ensino e de aprendizagem numa direção determinada”. Ou seja, o estabelecimento de objetivos, no processo educativo, pode colaborar para que tanto o trabalho do educador como do educando sejam orientados numa direção definida, em prol de uma meta a ser alcançada. Não haverá, dessa forma, um trabalho educacional aleatório, feito de qualquer jeito e, sim um trabalho que acontecerá nos limites do (s) objetivo (s) estabelecido (s), possibilitando, desse modo, que a aprendizagem aconteça.

3.2.5 Motivação

Muitos dos fatores anteriormente comentados poderão funcionar como motivadores do desempenho escolar dos alunos, como por exemplo, o estabelecimento de objetivos, um clima de sala de aula apropriado, etc. Porém um fator muito determinante para que essa motivação ocorra ou não é o conceito que o

aluno possui da sua capacidade de aprendizagem, da sua importância na sala de aula, da importância do assunto estudado, entre outras coisas.

Para atribuir o sentido necessário que nos permitirá envolver-nos realmente em uma tarefa, ela deve nos parecer atraente, deve nos interessar, devemos poder perceber que ela preenche uma necessidade; essa necessidade pode funcionar então como motor de ação. (SOLE, 2006, p. 50-51)

Ao professor cabe apresentar ao aluno a importância da matéria ensinada, assim como estimular a sua motivação no que diz respeito a sua capacidade de realizar certas atividades que até então ele acreditava não ser capaz, incluí-lo nas situações educacionais efetivamente, para que ele sinta-se, de fato, integrante daquele processo. A isso Solé (2006, p. 53) acrescenta: “Valorizar seus resultados em relação às suas capacidades e ao esforço realizado talvez seja a única coisa que com justiça cabe-nos fazer, incentivando a autoestima e motivação para continuar aprendendo.”

Se os alunos estiverem motivados, como boas expectativas a respeito de sua própria capacidade de aprendizagem e conhecendo o sentido e significado daquilo que estuda, então é possível que o seu esforço e a sua dedicação sejam mais elevados a fim de alcançar as metas de aprendizagem de que um aluno desmotivado. Nesse sentido, vale a pena investir na efetivação dessa motivação, a fim de que haja um empenho maior por parte do alunado nas tarefas propostas em sala de aula e, conseqüentemente, um rendimento em termo de aprendizagem, maior.

4 METODOLOGIA

A fim de alcançar as respostas para a nossa pergunta de pesquisa e para os nossos objetivos, optamos por realizar o trabalho através de uma pesquisa de campo, descritiva, qualitativa, com triangulação de instrumentos e com análise de dados através de análise de conteúdos. Gil (2008) afirma o seguinte sobre a pesquisa de campo:

“Estudo de campo procura o aprofundamento de uma realidade específica. É basicamente realizado por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes

para captar as explicações e interpretações do que ocorrem naquela realidade.”

No que diz respeito à pesquisa qualitativa Prodanov e Freitas (2013, p. 70) afirmam que ela

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo da pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de método e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta dos dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

Feita essa definição, partiremos agora para as demais informações metodológicas da pesquisa. O universo do estudo foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Francisco Maia, localizada no município de Jericó-PB, onde foi realizada uma pesquisa com nove (09) alunos da 3ª série A do ensino médio e com a professora de Língua Portuguesa dessa mesma turma com o intuito de averiguar como esses sujeitos veem a relação professor-aluno na aprendizagem. Os instrumentos utilizados para obter essas respostas foram entrevista e grupo focal.

Barbour (2009) esclarece que o grupo focal é uma discussão de um conjunto de pessoas, em que o investigador estimula ou encoraja as interações do grupo de forma a garantir que os participantes conversem entre si, sem limitarem-se a interagir apenas com o pesquisador ou mesmo o moderador. A autora esclarece ainda que tal prática, utilizada como instrumento de investigação, está relacionada com a preparação de um guia ou roteiro de tópicos ou de seleção de matérias que possam ser discutidos e que devam servir de estímulo ao grupo.

Duarte (2009, p. 09) explica que a triangulação constitui uma nova perspectiva no campo da metodologia da pesquisa e apontada por Denzin (1989) em que podemos obter dados de fontes diferentes, recorrendo a estratégias distintas para melhorar a validade dos resultados. Descreve o autor, quatro tipos distintos de triangulação: “a ‘triangulação de dados’, a ‘triangulação do investigador’, a ‘triangulação teórica’ e a ‘triangulação metodológica’”. Em nosso caso, utilizamos a

triangulação de dados, uma vez que temos respostas de alunos e professores através de dois instrumentos.

No dia 01 de novembro de 2017, foi realizada a entrevista primeiramente com a professora e depois com o grupo focal, composto por nove (09) alunos. A fim de alcançar os objetivos propostos, foram elencadas cinco (05) perguntas, sendo que quatro foram direcionadas para professora e alunos, e a última apenas para os alunos. As perguntas foram as seguintes: 1- O que você entende sobre relação professor-aluno? 2- O que é ser um bom professor?; 3- Como um bom professor se relaciona com seus alunos?; 4- Quais os benefícios da relação professor-aluno?; e 5- Vocês aprendem mais quando a relação com o professor é boa?. A partir dessas perguntas, os participantes puderam expressar suas opiniões, que foram gravadas para uma futura apresentação e análise de conteúdo. Através desses procedimentos almejamos alcançar as respostas procuradas acerca da relação professor-aluno.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A partir de agora apresentaremos os resultados qualitativos que dizem respeito à fase de investigação através da entrevista com a professora e o grupo focal com nove (09) alunos da 3ª série do Ensino Médio, que foi realizado, como já foi citado na metodologia através de um estudo de campo, que tinha o intuito de perceber como o professor e o aluno veem a relação professor-aluno na aprendizagem. Para que fosse possível identificar a percepção dos sujeitos entrevistados, elencamos cinco perguntas, sendo que quatro delas foram dirigidas a professora e aos alunos e a última apenas aos alunos. Vejamos os resultados obtidos através dos questionamentos:

5.1 Conceito sobre relação professor-aluno

Quando questionada sobre o que entendia sobre relação professor-aluno, a professora pesquisada vem confirmar a importância da relação professor-aluno para a prática docente, ressaltando sua contribuição para a aprendizagem do aluno. Assim afirma que

[...] esse contato, essa relação que você tem todos os dias com eles... E sempre tentando manter uma relação de respeito mútuo entre eles. E também, assim, de amizade, porque eu acredito que

quando o professor ele se torna amigo de seus alunos isso contribui para a aprendizagem.

Podemos perceber a importância reconhecida pela própria docente de se estabelecer uma relação saudável e produtiva entre alunos e professores, o que contribui para que ocorra a aprendizagem. No entanto, é possível observar na fala da professora que ela identifica como relação professor-aluno apenas as relações pessoais e afetivas, já que em nenhum momento inclui o trato do conteúdo, as metodologias aplicadas em sala como parte dessa relação. O que a professora define como relação professor-aluno é uma parte fundamental dessa interação que se estabelece entre educadores e educandos, porém é apenas uma parte dessa relação.

A questão de ser amigo do aluno nos leva a questionar que o professor não pode apenas ser amigo de seus alunos e esquecer-se de seu real papel em sala de aula, que é possibilitar conhecimentos aos educandos. Desse modo, é necessário que o docente tenha sempre consciência de que a sua relação com o saber e como ele estabelece essa relação de conhecimentos com seus alunos é determinante nos resultados de aprendizagem. Ele tem de sempre exercitar a dupla face da relação professor-aluno (Pessoal e Didática) com o único intuito de alcançar a produção e efetivação do conhecimento.

Sobre isso, Cunha (2007, p. 150) afirma que “as virtudes e os valores do professor que consegue estabelecer laços afetivos com seus alunos repetem-se e intrinsecam-se na forma como ele trata o conteúdo e nas habilidades de ensino que desenvolve.”

Em concordância com o posicionamento da professora, os alunos também consideraram como relação professor-aluno as relações pessoais e afetivas. É possível que isso mostre que esse lado dessa relação tem uma importância muito significativa para a aprendizagem eficaz. É importante também destacar que os alunos evidenciaram que para ter interesse pelas aulas de determinado professor e conseqüentemente aprender o assunto ali ministrado é necessário que seja estabelecida uma boa relação com o docente em questão.

Vejamos agora a resposta de alguns alunos quando questionados sobre o que entendiam sobre relação professor-aluno.

A2¹: É importante pra você prestar mais atenção na aula e aprender mais o assunto.

A4: Eu acho importante porque, quando não gostamos de um professor, nós não prestamos atenção, só pensa em bagunçar as aulas dele...

A5: É importante que quando você tem uma amizade com o professor, a gente se interessa mais em assistir a aula dele.

A7: É muito bom ter uma relação de amizade com o professor, pois quando a pessoa não se dá muito bem com o professor, a gente não consegue nem assistir a aula dele, não gosta, e muito menos aprender o que ele explica.

A respeito da importância da relação professor-aluno na aprendizagem, Morales (2003, p. 10) enfatiza que: “Tratar da relação professor-aluno *dentro* da sala de aula suporia em princípio falar de todo o processo de ensino-aprendizado.”

5.2 O bom professor

Vejamos agora a resposta da professora e de alguns alunos quando questionados sobre o que é ser um bom professor.

P²: [...] Acho que é você estar por dentro de tudo que está acontecendo no âmbito educacional, saber dos conteúdos da sua área, tentar passar da melhor forma possível para seus alunos, sempre com a perspectiva de que o aluno ele é o grande protagonista. Então sempre buscando fazer com que seu aluno ele aprenda cada vez mais, buscando métodos e metodologias que possam propiciar uma aprendizagem de qualidade e onde eles possam se tornar cidadão críticos e participativos na sociedade em que eles estão inseridos.

A professora enfatiza como características de um bom professor o conhecimento do que acontece no âmbito educacional, o domínio dos conteúdos de sua área, o uso adequado de métodos e metodologias que possibilitem a aprendizagem de qualidade aos alunos, o reconhecimento do protagonismo do aluno no processo de ensino-aprendizagem e a capacidade de formar cidadãos críticos e participativos na sociedade.

¹Devido à exigência da confidencialidade dos nomes dos sujeitos entrevistados, nos referimos aos alunos nesse trabalho da seguinte forma: Aluno 1 (A1), Aluno 2 (A2), Aluno 3 (A3) ; Aluno 9 (A9)

² Pelo mesmo motivo de confidencialidade de nomes, nas citações trataremos a professora como P

Já os alunos enfatizam a paciência, a amizade, a clareza na explicação e a compreensão. Dessa forma, podemos observar que enquanto a docência considera como eficácia docente mais aspectos didáticos, os discentes valorizam, sem dúvida, esses aspectos, mas dentro da definição de um bom professor incluem aspectos pessoais e afetivos também. Assim dizem os alunos:

A2: Ser paciente com o aluno. Ter clareza e saber explicar o assunto e também ter paciência com o aluno se ele não conseguir aprender na hora.

A3: Pra mim é que além de professor, deve ser amigo do aluno.

A5: Bom é ter paciência e acho que além de tudo ser amigo do aluno.

A6: É... Ter paciência e entender a dificuldade do aluno.

A8: Ter paciência e saber explicar.

Em concordância com as colocações dos alunos Cunha (2007, p. 151) afirma que “Para os nossos alunos o bom professor é aquele que domina o conteúdo, apresenta formas adequadas de mostrar a matéria e tem um bom relacionamento com o grupo.” Dizendo de outra forma o pensamento da autora, o bom professor para os alunos domina bem as duas áreas da relação professor-aluno, tanto a didática como a afetiva. Sendo assim, os docentes têm de estar atentos para essa questão e investir nesses dois aspectos, de forma equilibrada e consciente, sempre com a percepção da melhor maneira de se comportar diante da classe em cada contexto educacional.

Além disso, queremos enfatizar um aspecto apontado pela professora: o reconhecimento do protagonismo do aluno no processo de ensino-aprendizagem, que já foi mencionado na fundamentação teórica como comportamento do professor que influi positivamente na aprendizagem do aluno, e agora nos é confirmado pelo posicionamento da educadora. A esse respeito Solé (2006, p. 53) afirma que:

Interpretar a situação de ensino como um contexto compartilhado contribui para que o aluno se sinta, ao mesmo tempo, como um interlocutor interessante e com a segurança que dá saber que outro mais especializado está ali para ajudar, para ensinar a chegar onde ainda é impossível chegar sozinho.

Podemos desse modo, considerar que se o aluno se reconhece como protagonista do processo educacional isso aumentará a sua motivação e a sua autoestima, resultando, conseqüentemente, em um maior esforço e dedicação por parte do educando nesse processo, o que facilitará em boa medida a sua aprendizagem. Cabe ao professor deixar claro aos seus alunos a importância e a participação que eles têm em sala de aula, e essa atitude de reconhecimento do papel do discente na aula também faz parte de ser um bom professor.

5.3 O relacionamento do bom professor com seus alunos

Quanto ao relacionamento entre professor e aluno, vamos analisar como se dá a relação do bom professor com seus alunos. Para isso, se faz necessário observar a opinião da docente e de um aluno quando questionados a esse respeito.

P: Eu acho que com muito respeito... muita dedicação. Tem que ter isso. Acho que com amizade, com afeto também porque a gente está todos os dias com esses alunos, então, de uma certa forma, você se apega a eles. É como se eles fizessem parte da sua família. Você passa um bom tempo com eles. Todos os dias eles colocam seus anseios, colocam seus sonhos, os seus projetos de vida... Então eu acredito que com muito respeito, como muito afeto.

A2: Deve ter uma brincadeira saudável que não tire o foco do aluno do tema da aula, sempre com aquele negócio de focar o aluno no estudo.

Na resposta da docente é possível observar que ela elenca o respeito, a dedicação, a amizade e o afeto como aspectos do relacionamento do bom professor com seus alunos. O aluno menciona a brincadeira saudável, que tenha como finalidade a aprendizagem dos discentes e que essa brincadeira jamais fuja desse fim. Uma boa relação não deve ser confundida com excesso de brincadeiras. O professor não deve esquecer seu papel de promover a aprendizagem do aluno. Em consonância com a colocação do aluno, Morales (2003, p. 51) afirma que “Não vamos à sala de aula para fazer os alunos rirem (...) e sim para ajudá-los em sua tarefa de aprender.”

Mesmo que o professor se utilize de alguma brincadeira ou de qualquer outro método em suas aulas, ele tem de estar consciente de que seja qual for o caminho o intuito e o resultado sempre tem de ser a aprendizagem do aluno. Aí se constata o

compromisso ou não com o papel que o professor deve exercer em sala de aula. O professor que tem um bom relacionamento com seus alunos é aquele que, em qualquer circunstância, prioriza a aprendizagem deles, como nos confirma Cunha (2007, p.151): “Parece consequência natural que o professor que tem uma boa relação com os alunos preocupe-se com os métodos de aprendizagem e procure formas dialógicas de interação.”

5.4 Os benefícios de uma boa relação professor aluno

Observe-se a resposta da educadora e de alguns educandos quando questionados sobre quais são os benefícios da relação professor-aluno na aprendizagem do aluno.

P: Eu acho que é uma aprendizagem de qualidade, onde eles se sentem a vontade pra poder lhe expor o que ele aprendeu como também pra dizer o que não aprendeu. Eu acredito que quando o professor não tem essa intimidade com o aluno, ele, às vezes, fica com medo de dizer que não aprendeu, fica envergonhado, com medo de o professor baixar alguma nota dele ou perseguir. Acho que nessa questão de ele dizer o que ele aprendeu, o que ele também não aprendeu... como também essa troca de conhecimento. Essa troca e essa construção de conhecimento, acho que isso é favorável quando você tem um bom relacionamento com seu aluno, acho que tudo flui melhor.

A2: Melhora a aprendizagem mesmo! porque o aluno entende mais a matéria.

A3: Melhora a aprendizagem e o interesse do aluno.

A6: Melhora o aprendizado, entusiasmo e aumenta a capacidade do aluno aprender.

A professora aponta como benefícios de uma boa relação entre professor e aluno a segurança que os alunos têm para expor as suas dificuldades de aprendizagem, a possibilidade da construção mútua do conhecimento e consequentemente a aprendizagem de qualidade. Os alunos apontam o aumento do interesse (motivação) pelo que é ensinado pelo professor, e mencionam também, como benefício da satisfatória relação entre educador e educandos, a aprendizagem.

Quando há um clima satisfatório em sala de aula e uma relação em que os alunos se sentem participantes ativos do processo educacional então o entusiasmo

e a motivação pelos estudos aumenta e eles se sentem mais seguros para fazerem perguntas, expor dúvidas, declarar dificuldades diante do professor e da classe. Mas quando essa relação é marcada pelo atrito então eles preferem ficar em silêncio quanto as suas dificuldades, o que resultará em uma deficiência no desenvolvimento da aprendizagem. Sobre isso Morales (2003, p. 56) esclarece que “Os alunos devem *sentir-se livres* para errar e aprender com seus erros.”

5.5 Qual tipo de relação faz com que os alunos aprendam mais?

Esta última categoria, como foi dito no início desta análise, foi direcionada apenas para os alunos. O intuito era saber se os alunos adquiriam resultados positivos na aprendizagem quando a relação com o professor era conflituosa da mesma maneira que adquiriam esses resultados nas aulas de professores com os quais mantinham uma boa relação. Vejamos as respostas dos alunos entrevistados.

A1: Quando o professor é bom de verdade a aprendizagem é muito melhor.

A2: Eu me interessando mais. Eu tendo mais amizade com o professor eu me interesso mais pelo assunto e presto mais atenção. E faz com que seja mais calma a aula, sem ser um negócio com muito atrito.

A3: Eu acho que o professor sendo amigo do aluno, é mais fácil na aprendizagem.

A4: Tem um aprendizado melhor quando você tem uma boa relação com o professor

A5: É, quando você tem uma amizade com o professor, você tem mais interesse em aprender na aula dele.

A7: A aprendizagem é melhor. E quando você é amigo do professor, a aula não se torna tão chata. Se você não for amigo, você nem sente vontade de assistir... Vai se tornar uma aula insuportável.

A8: Quando você tem amizade com o professor, as aulas se tornam melhores, e mais fácil de compreender e aprender.

A9: Quando você tem uma amizade estabelecida com o professor, você aprende mais

Por unanimidade, os alunos responderam que aprendem mais quando têm uma boa relação estabelecida com o professor. Esse fato possibilita uma reflexão sobre a importância dessa relação por parte de todos aqueles que participam da profissão docente.

Na resposta da maioria desses alunos, é possível perceber como eles enfatizam a importância do estabelecimento da amizade para um bom clima de sala de aula, para que o interesse pelas aulas possa fluir e a aprendizagem se efetivar, sem muitos conflitos na relação. A este respeito Morales (2003, p. 56) declara que “é preciso saber criar um ambiente ou uma atmosfera de *segurança, de paz*, de maneira que os alunos possam sentir que *aqui se deve trabalhar, mas o ambiente é bom.*”

Enfim, apesar de todos os resultados de aprendizagem não dependerem unicamente do professor, a partir de tudo que foi aqui analisado e discutido, é possível dizer que parte desses resultados dependem das interações favoráveis estabelecidas entre alunos e professores nos processos de ensino, aprendizagem e avaliação do educador, de como se compromete com o seu papel de ensinar, de como percebe seus alunos nesse processo educacional e, principalmente, da relação que se estabelece, se possui um significado didático. Cunha diz sobre isso que:

A forma como o professor se relaciona com sua própria área de conhecimento é fundamental assim como sua percepção de ciência e de produção de conhecimento. E isso interfere na relação professor-aluno, é parte dessa relação. (CUNHA, 2007, p.150-151)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de tudo que foi discutido e analisado neste trabalho, é possível apontar para a importância da relação professor-aluno para que de fato a aprendizagem seja efetivada de maneira satisfatória.

De acordo com as repostas dos sujeitos, é possível afirmar que os alunos valorizam o professor que estabelece laços afetivos e que tem compromisso com sua área de conhecimento e metodologia de ensino, já que os alunos apontaram como características do bom professor a paciência, a compreensão, a clareza na explicação e a questão ser amigo do aluno.

Quanto aos benefícios de uma boa relação pedagógica, de acordo com as respostas dos sujeitos investigados, podemos apontar a segurança dos alunos para expor dificuldades de aprendizagem, a possibilidade de construção mútua do conhecimento, o aumento do interesse pelas aulas e conseqüentemente a aprendizagem.

Já o fato de todos os discentes investigados terem afirmado que aprendem mais quando têm uma boa relação estabelecida com o professor, aponta para a necessidade de olhar de uma maneira mais atenciosa para essa questão da relação professor-aluno, pois ela determina a aprendizagem muito mais do que se possa imaginar.

É importante também, dentro dessa relação, tentar excluir da prática pedagógica os fatores negativos como o autoritarismo, a negação do papel de sujeito do aluno, as expectativas negativas a respeito do desenvolvimento cognitivo do aluno e a crença na homogeneidade do alunado. Em contrapartida é interessante incluir aspectos positivos da relação professor aluno, como a consideração da carga cognitiva do aluno, feedback bem utilizado, clima de sala de aula apropriado, estabelecimento de objetivos e motivação dos alunos, a fim de com esses procedimentos ser possível alcançar resultados satisfatórios em termos de aprendizagem dos educandos.

É necessário levar toda essa realidade a sério e investir com dedicação na melhoria dessa relação, tanto no aspecto didático, como também no pessoal, pois a interação dialógica que se estabelece entre os sujeitos da educação determina, se não totalmente, mas boa parte da aprendizagem do alunado

REFERÊNCIAS

BARBOUR, R. **Grupos Focais** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BORDENAVE, Juan Díaz; PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de Ensino-Aprendizagem**. 23. ed. Petrópolis: Editora vozes, 2002

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 9 eds. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Atualizada em 20/5/2014. Câmara dos Deputados. Brasília, 2014

CUNHA, Maria Isabel da. A relação professor-aluno. IN: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (coord.). **Repensando a didática**. 25 ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

DUARTE, T. A possibilidade da investigação a 3: Reflexões sobre triangulação (metodológica). *Centro de Investigação e Estudos em Sociologia- CIES*. e-Working Paper. PDF (60). ISSN 1647-0893, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LOPES, José; SILVA, Helena Santana. **O Professor faz a diferença: na aprendizagem dos alunos na realização escolar dos alunos no sucesso dos alunos** Lisboa: LIDEL, 2011.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno: o que é, como se faz**. 4 eds. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Nova Hamburgo: Feevale, 2013.

SAINT-ONGE, Michel. **O Ensino na escola: como é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

.SOLÉ, Isabel. Disponibilidade para aprendizagem e sentido da aprendizagem. In: COLL, César (org.) **O construtivismo na sala de aula**. 6 eds. São Paulo: Ática, 2006

TAVARES, José; ALARCÃO, Izabel. **Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem**. 6 r. Coimbra: Edições Almedina, 2005.

ANEXOS



Universidade Estadual da Paraíba

Entrevista

Objetivo: Entrevistar a professora de Língua Portuguesa da 3ª série A do ensino médio e formar um grupo focal com nove (09) alunos da mesma turma onde será realizada uma entrevista coletiva com alunos de tal grupo afim de, com esses procedimentos, averiguar qual a influência da relação professor-aluno na aprendizagem de língua portuguesa.

Papel dos participantes: Pretende-se a sua colaboração no sentido de permitir um momento de entrevista com os sujeitos citados acima.

Papel do Investigador (a): O (A) pesquisador (a) compromete-se em garantir a confidencialidade dos dados que forem fornecidos pelos (as) participantes neste estudo e a utilizar esses dados somente para fins de investigação.

Sujeito

CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____, declaro ter sido devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre os objetivos e procedimentos do estudo. Declaro ainda, ter plena consciência do meu papel, para o qual dou o meu consentimento.

Jericó, _____ de _____ de 2017.

PROFESSOR: _____

Assinatura: _____

ENTREVISTADOR(A) _____



Universidade Estadual da Paraíba

Entrevista

Objetivo: Entrevistar a professora de Língua Portuguesa da 3ª série A do ensino médio e formar um grupo focal com nove (09) alunos da mesma turma onde será realizada uma entrevista coletiva com os alunos de tal grupo afim de, com esses procedimentos, averiguar qual a influência da relação professor-aluno na aprendizagem de língua portuguesa.

Papel dos participantes: Pretende-se a sua colaboração no sentido de permitir um momento de entrevista com os sujeitos citados acima.

Papel do Investigador (a): O (A) pesquisador (a) compromete-se em garantir a confidencialidade dos dados que forem fornecidos pelos (as) participantes neste estudo e a utilizar esses dados somente para fins de investigação.

Estudante

CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, _____, declaro ter sido devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre os objetivos e procedimentos do estudo. Declaro ainda, ter plena consciência do meu papel, para o qual dou o meu consentimento.

Jericó, _____ de _____ de 2017.

SUJEITOS: _____

Assinatura: _____

ENTREVISTADOR(A) _____

- 1 _____
- 2 _____
- 3 _____
- 4 _____
- 5 _____
- 6 _____
- 7 _____
- 8 _____
- 9 _____



Universidade Estadual da Paraíba- UEPB
Centro De Ciências Humanas e Agrárias- CCHA
Departamento de Letras e Humanidades- DLH

Entrevistador _____
Entrevistado _____ Data ____/____/____
Local _____
Curso _____ Área do conhecimento _____

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRARIAS DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES CURSO DE LICENCIATURA FLENA EM LETRAS DOCENTE: JOANA AUREA Discrète: Patricia de Oliveira Figueiredo		Posíveis perguntas
Dimensão	Objetivo	
1. Legitimação da entrevista	1. Agradecer a disponibilidade; 2. Informar sobre o uso do gravador; 3. Explicitar o problema, o objetivo e os benefícios do estudo; 4. Apresentar as professoras; 5. Garantir confidencialidade dos dados; 6. Explicar o procedimento da entrevista	• Deseja mais algum esclarecimento? • Possui alguma dúvida?
2. Conceito de relação professor /aluno	1. Descrever a compreensão sobre a relação professor/aluno	• O que você entende sobre relação professor/aluno?

<p>3. Comportamentos que definem uma relação professor-aluno que pode favorecer a aprendizagem do estudante</p>	<p>1. Especificar os comportamentos que definem uma relação professor/aluno que favorecem a aprendizagem do aluno</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O que é ser um bom professor ? <ul style="list-style-type: none"> * Como um bom professor se relaciona com seus alunos? * quais os benefícios da relação / professor-aluno na aprendizagem do aluno? <p>(faça perguntas do tipo : voces aprendem mais ou aprendem menos ?)</p>
<p>6. Síntese e metareflexão sobre a própria entrevista.</p>	<p>Perceber a opinião do entrevistado e a importância da pesquisa</p>	<p>Dê sua opinião sobre os objetivos desta pesquisa, e como percebeu seu contributo em relação à mesma?</p>
<p>Agradecimentos</p>	<p>Agradecimento</p>	